

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufrrj.org.br

Mais de oito mil metros quadrados da Universidade Federal do Rio de Janeiro serão ocupados por contêineres. Um aumento de mais de 100% em relação à área atual destas estruturas. O espaço corresponde a duas vezes o terreno do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (4.117,68 m²) e é maior que o do Hospital Escola São Francisco de Assis (7.531 m²).

Ao todo, serão 8.369,26 m² contra 3.990 m² atuais nos dois campi da cidade. A expansão terá 2.779 m² para o alojamento estudantil e 560 m² para um bandejão no campus da Praia Vermelha. Outros 1.024 m² de contêineres serão conseguidos em convênio com o Ministério da Justiça, como contrapartida de uso de parte do campus da Praia Vermelha pela Polícia Federal e Polícia Rodoviária, durante as Olimpíadas.

A durabilidade média das instalações é de dez anos, segundo a prefeitura da UFRJ. Em entrevista à Adufrj, a reitoria apresenta dois argumentos para a defesa do projeto: a pressa e o apoio da representação estudantil.

Só a contratação do alojamento, no Fundão, custará cerca de R\$ 18 milhões, pela previsão da prefeitura. O gasto é quase o triplo dos R\$ 6,8 milhões desembolsados nos últimos anos com contêineres.

HISTÓRICO

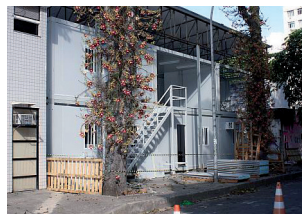
A primeira onda de contêineres ocorreu em 2013. À época, o

PATRIMÔNIO DE LATA

> Área ocupada por contêineres na universidade crescerá mais de 100%



Fotos: Elisa Monteiro e Silvana Sá



Instalações já são usadas em diversos locais da universidade

então reitor Carlos Levi espalhou 262 módulos temporários para compensar a carência de estrutura, durante a realização de obras da expansão universitária. Salas de aulas, repartições administrativas, laboratórios, copas e banheiros transitórios foram instalados na Praia Vermelha, Fundão (prédio da reitoria), Museu Nacional e polo de Xerém.

Três anos depois, o novo reitor, Roberto Leher, retomou o projeto, desta vez em caráter permanente. Dos três editais lançados para aquisição de módulos para UFRJ, um destina-se à moradia estudantil, com 164 vagas, na Cidade Universitária e o outro para o restaurante universitário, com capacidade para 160 lugares, na Praia Vermelha.

O terceiro contrato é o do convênio com o Ministério da Justiça, para as Olimpíadas. Segundo o coordenador das licitações eletrônicas da universidade, Guilherme da Silva, os 68 módulos são orçados em mais de R\$ 4,4 milhões.

Para o vice-presidente da Adufrj, Carlos Frederico Rocha, o caminho escolhido pela administração demonstra o abandono de um projeto estratégico para a UFRJ: “No Plano Diretor, havia uma concepção de universidade planejada. Em 2012, os contêineres eram transitórios. A perspectiva era de alcançarmos em um futuro definido condições compatíveis com um bom nível dos serviços, uma moradia estudantil integrada às atividades da UFRJ. Hoje, eles seguem uma direção equivocada, uma transição para nada. Algo caro e passageiro”.

8.369 m²

Área total que será ocupada pelos contêineres na UFRJ.

2.779 m²

Tamanho do alojamento-contêiner, no Fundão.

560 m²

Futuro espaço do bandejão da Praia Vermelha.

1.024 m²

Dimensão dos contêineres obtidos por convênio.

18 milhões

Estimativa de custo do futuro alojamento para 164 estudantes.

Insalubridade na Gastronomia

> Espaço apertado para realizar as atividades, mofo nas salas de aula e falta de saída de emergência são algumas das situações enfrentadas

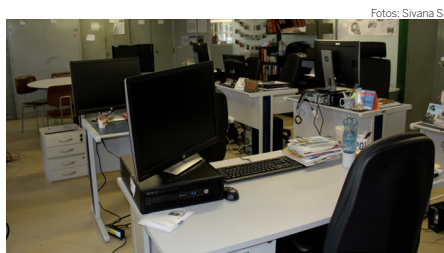
SILVANA SÁ

silvana@adufrrj.org.br

Gastronomia e insalubridade não combinam. Ainda assim, andam de mãos dadas na UFRJ. Os professores da Gastronomia dão aula majoritariamente no subsolo do CCS. Um local sem saídas de emergência, sem ventilação e com umidade aparente. O cheiro de mofo é sentido assim que se acessa o pavimento. “Quando manipulam formol numa ponta do subsolo, todos os corredores imediatamente ficam com o cheiro também, já que não há ventilação. Temos que dar aulas com as portas abertas, por conta do cheiro insuportável. Os ares-condicionados também são velhos, alguns estão quebrados”, relatou uma docente, que não quis se identificar.

Os professores não têm sala individual. Vinte e seis docentes dividem uma única área. O espaço é apertado com mesas, cadeiras e fios espalhados. Uma copa improvisada graças ao rateio entre os próprios docentes dá conta das necessidades mais imediatas de alimentação. A água precisa ser comprada e a limpeza não acontece sempre. Também nesta sala não há saída de emergência.

O sistema de energia não comporta mais equipamentos. Computadores novos estão instalados, mas não podem ser ligados. O microondas também precisou ser desligado. “Tivemos que desligar a im-



Precariedade. Equipamentos novos estão desligados pelo risco de incêndio



Indicação de saída de emergência, no subsolo do bloco L, não leva a lugar algum



Teto da sala dos docentes apresenta diversos buracos por onde entra água da chuva

pressora porque recebemos a informação de que a sala pode pegar fogo”, disse outra professora. Dos 28 docentes efetivos do curso, cerca de 20 ainda estão em estágio probatório, o que justifica a negativa de se identificarem para a reportagem.

O teto apresenta diversos buracos por onde entra água da chuva. “Realizamos atendimento a alunos, preparação de aulas, atividades de pesquisa, extensão. Chove dentro da sala por conta do buraco no forro”, apontou o professor Marcio Marques, um dos poucos que já passaram pelo estágio probatório.

Outra professora complementa: “Normalmente, se precisamos preparar aulas ou corrigir provas, demoramos muito mais tempo que o necessário, porque é difícil se concentrar. Muitos colegas acabam trabalhando nos corredores ou em salas de aula”.

CURSO NOVO, PROBLEMA ANTIGO

Criado em 2011, no âmbito do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o curso é sediado no Instituto de Nutrição, mas ainda não faz parte do Estatuto. Portanto, não está oficialmente na estrutura da universidade.

O prédio prometido para abrigar o curso seria erguido atrás do Restaurante Universitário Central, mas não saiu do papel. Por isso, a sala dos professores do curso funciona em um espaço cedido pela Decania do Centro de Ciências da Saúde, dentro da Biblioteca do CCS. Assim, o horário de trabalho fica atrelado ao horário de funcionamento do setor: das 8h às 21h. “Mas, quando há qualquer problema com os servidores técnico-administrativos, não conseguimos entrar e nossos alunos ficam sem acesso”, relatou outra professora.

Professor(a), você convive com condições de trabalho precárias? Conte sua história. Mande mensagem para

comunica@adufrrj.org.br